

Imagem: LIGHTFIELD STUDIOS / Adobe Stock

Resurreição

“Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos.” (Mt 28,20)

**“(…) de boca em boca, de casa em casa, de nação em nação corre veloz a notícia feliz: ‘Jesus ressuscitou!’ Quem crê, saia depressa, correndo atrás de Madalena, de Pedro e de João (...). A última palavra será: ‘Ressurreição!’”
(Zé Vicente)**

◆ Diego Lelis, cmf ◆

Naquele dia, o primeiro da semana, os corações daquelas mulheres e homens estavam despedaçados, os sonhos desfeitos e a esperança quase morta. O Senhor, que outrora tinha dado sentido às suas vidas, aquele que ressuscitara o filho da viúva de Naim e a Lázaro, estava morto. O mestre que tocou os leprosos, devolveu a visão aos cegos, fez os paralíticos andarem, restituiu a dignidade a tantos e falou de amor, de justiça, igualdade e dignidade estava silenciado para sempre. Ao menos era isso que aquelas mulheres e homens pensavam.

Não havia muito a fazer; talvez ir ao túmulo e tentar colocar perfumes no corpo do Senhor fosse o último alento para dar o mínimo de dignidade àquele que dignificou a tantos ou, ainda, esse era o gesto necessário para selar, naqueles corações, a ideia de que o Senhor realmente estava morto.

Imagino o caminho até aquele jardim onde havia sido depositado o corpo do Senhor. Aquelas mulheres, amedrontadas, com a alma ferida, recordando os feitos do Mestre, a voz dele ecoando em seus corações, o olhar sereno, os risos e os ensinamentos – “Depois dele, podemos chamar Deus de Pai”, devem ter dito elas.

A chegada ao jardim, a pedra do túmulo fora do lugar e o tecido que antes envolvera o corpo do Mestre estava jogado, sinal de que Ele não estava mais ali. “Diga-nos para onde levaram o corpo do Mestre e vamos buscá-lo”; “Por que buscai entre os mortos aquele que está vivo?” (Lc 24,5).

A súplica de Madalena não era um caso de fé, era um desespero cheio de esperança. O desespero de perder o corpo do Senhor e a esperança de que Ele realmente tivesse ressuscitado. Por fim, o reencontro com o Rabi, o Mestre. Os pés, as mãos e o lado feridos, mas não supurando, pois o amor do Pai os curou. A morte foi vencida, o Pai ressuscitou ao Filho, o amor venceu e a esperança ressurgiu.

O reencontro é a esperança que volta aos olhos, a alegria ao coração e a certeza: Ele está no meio de nós! Não há o que temer. O Cristo apareceu algumas outras vezes aos seus, como narram as Escrituras, mas já não era preciso haver a presença física do Mestre. Ele estava presente nas vidas transformadas, nos sonhos devolvidos e na dignidade restabelecida.

Se na manhã daquele dia a única coisa a ser feita era ungir o corpo do Senhor, depois do encontro com o Ressuscitado aquele grupo que fora tocado profundamente pelo Mestre fez um juramento, mesmo custando as suas vidas, um propósito para que o mundo inteiro fosse contagiado por aquela alegria e esperança. Saíram liderados por Pedro, a pedra base, anunciando a Boa-Nova chamada de Evangelho. Espalharam-se pelo mundo como o perfume de um jasmineiro florido, como uma música alegre em dia de domingo, levando a todos a esperança e a novidade: Ele está vivo no meio de nós.

Feliz Páscoa!●